

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE**  
**NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ANA CAROLINA REIS DA SILVA**

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHERES NEGRAS NA**  
**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM OLHAR SOBRE O**  
**CABELO CRESPO**

**CARUARU**  
**2016**

ANA CAROLINA REIS DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS: UM OLHAR SOBRE O CABELO CRESPO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (CAA), para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. M<sup>a</sup>. Alcione Alves da Silva  
Mainar

CARUARU  
2016

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária – Simone Xavier CRB/4 - 1242

S586c Silva, Ana Carolina Reis da.  
A construção da identidade de mulheres negras na educação de jovens e adultos: um olhar sobre o cabelo crespo. / Ana Carolina Reis da Silva. – 2016.  
46f. ; 30 cm.

Orientadora: Maria Alcione Alves da Silva Mainar  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Pedagogia, 2016.  
Inclui Referências.

1. Identidade racial. 2. Auto-estima. 3. Cabelo. 4. Educação de jovens e adultos. I. Mainar, Maria Alcione Alves da Silva (Orientadora). II. Título.

370 CDD (23. ed.) UFPE (CAA 2016-165)

ANA CAROLINA REIS DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS: UM OLHAR SOBRE O CABELO CRESPO**

Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Pedagogia da Universidade  
Federal de Pernambuco (CAA), para obtenção  
do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. :** \_\_\_\_\_ **Julgamento:** \_\_\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

**Prof. :** \_\_\_\_\_ **Julgamento:** \_\_\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

**Prof. :** \_\_\_\_\_ **Julgamento:** \_\_\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

CARUARU

2016

*À Professora Alcione Mainar pelo cuidado, comprometimento e dedicação ao longo da orientação. Sua paciência e zelo foram fundamental para minha formação acadêmica e pessoal.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus que em sua bondade infinita me guiou e me deu forças nessa caminhada.

Agradeço ao Universo por cada amanhecer que renova as oportunidades, por cada anoitecer que me permite dar descanso ao corpo e liberdade a minha alma.

A Ednalva, minha mãe, e Aparecida minha tia, que sucumbiram a todas dificuldades que a vida às impôs e ter me educado para vida, como também por sempre ter acreditado e me dado apoio incondicional.

A minha irmã Ana Gabriela por sempre ter torcido por mim.

Meus agradecimentos às amigas, outra família, construída nessa caminhada. Em especial à Thallyta, Natália, Cristiane, Graziela e Késia pela escuta atenta, pelo apoio e auxílio contínuo, tornando esse caminho menos árduo. Obrigada por ouvir meus desabafos, pela amizade e confiança, por estarem ao meu lado não só academicamente, mas nos momentos mais difíceis quando acreditei que não suportaria.

Agradeço às pessoas que fizeram/fazem parte da turma Pedagogia 2012.1.

As professoras e aos professores que contribuíram para minha formação. Minha gratidão a orientadora professora M<sup>a</sup>. Alcione Alves da Silva Mainar que me fez acreditar o tempo todo que eu era capaz. Muita luz.

*Primeiro o ferro marca a violência  
nas costas, depois o ferro alisa a  
vergonha nos cabelos. Na verdade  
o que se precisa é jogar o ferro  
fora e quebrar todos os elos dessa  
corrente de desesperos.*

*(Luiz Silva)*

## RESUMO

Esta monografia é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso de curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. A investigação buscou compreender como as mulheres negras estudantes da Educação de Jovens e Adultos se identificam racialmente e qual é a relação delas com seus cabelos crespos. Objetivou em específico: i) Identificar e caracterizar os perfis raciais das mulheres negras estudantes da Educação de Jovens e Adultos; ii) Identificar as relações que as mulheres negras possuem com seus cabelos crespos; iii) Entender como a relação das mulheres negras com seus cabelos crespos contribui na constituição da sua identidade racial. A lente teórico-metodológica utilizada para fundamentar o trabalho foi a dos Estudos Pós-Coloniais Latino-Americanos (QUIJANO, 2005, 2007; MIGNOLO, 2005; 2007. WALSH, 2005). Além da abordagem teórica, adotamos como categoria teórica a Identidade da Mulher Negra (GOMES, 2008; WERNWCK 2010; RIBEIRO 2010). A coleta de dados se deu através de questionário e entrevistas. No tratamento e na análise dos dados utilizamos a técnica da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Os resultados indicam que cabelo e cor da pele constituem um processo conflituoso de aceitação/rejeição da identidade negra em que a aparência torna-se parte da subjetividade e autoimagem das mulheres negras. Uma vez que percebemos que o desejo de modificar a estrutura de seus cabelos é uma forma de se aproximar dos modelos hegemônicos, expressando a negatividade associada aos corpos/imagem/identidade da população negra.

Palavras-chave: Identidade Racial; Cabelo crespo e Autoestima.

## **ABSTRACT**

This monograph is the result of work of course Completion of course of Education of the Federal University of Pernambuco. The study aimed to understand how black women students of the Youth and Adult Education identify racially and what is their relationship with their curly hair. Aimed in particular: identify and characterize the racial profiling of black women students of the Youth and Adult Education; Identify relationships that black women have with their curly hair and understand how the relationship of black women with their curly hair contributes to the constitution of racial identity. The theoretical and methodological lens used to support the work was of Postcolonial Studies Latin American (QUIJANO, 2005, 2007; MIGNOLO, 2005; 2007 WALSH, 2005). We adopted as theoretical categories: Post Colonial Studies (QUIJANO, 2005, 2007; MIGNOLO, 2005; 2007 WALSH, 2005) and Identity of Black Women (GOMES, 2008; WERNWCK 2010; RIBEIRO 2010.) The data collection was carried out through identification questionnaire and interviews. Treatment and analysis of data we used the technique of content analysis (Bardin, 1977). The results indicate that hair and skin color is a conflictual process of acceptance / rejection of black identity in the appearance becomes part of subjectivity and self-image of black women. Once we realized the desire to change the structure of their hair as a way of approaching hegemonic models, expressing negativity associated with the bodies of the black population

Keywords: Racial Identity ; Self-esteem and frizzy hair.

## Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	11
2. ABORDAGEM TEÓRICA .....	22
2.2 Construção da Identidade e Identidade da Mulher Negra .....	25
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	30
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	34
4.1 Caracterização das Sujeitas da Pesquisa.....	34
4.2 - Identidade das Mulheres Negras na Educação de Jovens e Adultos.....	36
4.2.1 - Como a relação das mulheres com seus cabelos refletem na autoestima.....	37
4.2.2 - Elementos implícitos ou explícitos na relação com seus cabelos que contribuem na constituição da identidade racial.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	43
REFERÊNCIAS .....	45

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da identidade de mulheres negras a partir das Abordagem Teórica dos Estudos Pós-coloniais Latino-americanos. Assim, nos baseamos em dois aspectos para justificar a nossa pesquisa: um pessoal e um acadêmico. Trataremos primeiro do elemento que justifica a nossa pesquisa no que concerne o aspecto pessoal. O segundo elemento refere-se ao levantamento feito na ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). Estes se constituem de trajetórias que nos leva a definir a Identidade de Mulheres Negras como objeto de estudo.

Quando se trata de identidade<sup>1</sup>, o cabelo apresenta uma dificuldade de construção da identidade negra em meio a uma sociedade com um padrão de ideal de brancura, pelo fato do cabelo ser o alvo número um de “brincadeiras” e apelidos. Muito além do caráter estético o corpo e o cabelo tratam do caráter simbólico e identitário da cultura negra. A ideia que a identidade negra é construída não só a partir do olhar que o negro tem de si, mas também da relação que ele tem com o olhar do outro sobre ele, não só o que é refletido no espelho importa, mas a sociedade também atua como um espelho.

Desde cedo aprendi a não gostar do que via no espelho. Nós mulheres negras, desde de crianças não nos sentimos representadas, passamos a ter vergonha da nossa estética, falas como essas nos negam e só reafirmam o que não queremos ser: “Mas você não é negra...” “Você é morena seu cabelo não é nem tão ruim assim...” “Mas que moreninha bonitinha...” “Você é negra, mas é bonita...” Muitos preferem chamar de “moreninha” “morena clara” “marronzinha” qualquer coisa que pareça ser menos pesada e ofensivo que negra.

A minha vida escolar tinha tudo para ser um tanto quanto traumática e logo penso como foi difícil ser negra dentro da escola. Um ambiente que não aceita diferenças, que o diferente é visto como desigual, em que eu era frequentemente hostilizada pelas outras crianças. A exclusão era fato, xingamentos, apelidos, “musiquinhas” eram rotineiras. O cabelo era alvo fácil e era comum me chamarem de “cabelo ruim”, “neguinha do cabelo duro”, “cabelo pixaim”. Enfim, ir para escola se tornou doloroso principalmente porque toda essa minha dor era silenciada, quando percebi que reclamar para a professora não adiantava nada, só me restava então chorar para minha mãe em casa. Minha negritude descende da parte do

---

<sup>1</sup> A identidade negra é entendida no contexto deste trabalho, segundo Gomes (2006) como um processo construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial. Como qualquer processo identitário, ela se constrói no contato com o outro, no contraste com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo. O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra

meu pai do qual eu nunca tive nenhum contato, a família toda por parta de mãe inclusive ela própria é branca. Nunca tive um referencial negro dentro de casa, melhor dizendo em lugar nenhum, todas as minhas amigas do condomínio eram brancas dos cabelos mais lisos possíveis. Cresci assim, sempre cercada por pessoas brancas que eu considerava como ideal de beleza, os cabelos perfeitos, essas sim eram as pessoas mais bonitas.

Com vinte anos já cansada de me submeter aos processos químicos e insatisfeita com os gastos e com os resultados, ouvir falar sobre transição capilar<sup>2</sup> através de uma colega. Passei por um momento muito importante para meu amadurecimento como mulher e negra, que é: a transição dos cabelos. Há mais dois anos venho ensaiando essa mudança, que para mim não é apenas uma mudança estética, é muito mais que isso, é um momento muito especial, em que me reconheço como negra, enxergo meu cabelo como bonito independente do que a sociedade considere como belo, amo meus traços, minha ancestralidade, enfim, enxergo-me negra para além da cor da pele.

Foi um processo de descoberta e aceitação que depois de um longo período da minha vida me sujeitando a dolorosos processos químicos para alisar meu cabelo, resolvo deixa-lo natural, para isso passei pela transição capilar, que nada mais é que o período em que a mulher deixa seu cabelo natural crescer da raiz até que atinja um comprimento ideal para o chamado big chop<sup>3</sup> (ou BC), o grande corte que tira todas as pontas lisas para deixá-los crescer naturalmente.

Posso afirmar que após ter passado pela transição e ter feito o BC, muitos aspectos da minha vida mudaram. Foi uma transformação para além da estética, comecei a me posicionar politicamente nas questões estéticas raciais e a entender que a opção por deixar o cabelo natural é um afrontamento diante a sociedade. Encontrei muito apoio na questão de dicas de cuidados para o trato com os cabelos na internet. Percebi uma rede de meninas que ajudavam umas às outras enaltecendo a imagem da mulher negra e com palavras de incentivo para que não desistissem da transição capilar e voltassem a alisar.

Enfim, minha escolha pelo curso de Pedagogia se deu pelo incentivo da minha mãe que pontua que ser professor é garantia de emprego por ser uma profissão que nunca está em baixa no mercado de trabalho. Já na Universidade cursando pedagogia e estudando os fenômenos de racismo no âmbito escolar, percebi que isso não era apenas um drama meu, mas sim, de muitas crianças negras que sofrem as consequências desse racismo velado em nossas escolas. Neste momento as minhas inquietações começaram a ficar mais afloradas. Em um

---

<sup>2</sup> Termo usado para quem quer voltar ao cabelo natural após algum processo de mudança na sua estrutura. Geralmente do liso para o cacheado.

<sup>3</sup> Big Chop (em inglês significa grande corte) é quando uma mulher que foi quimicamente deixando seu cabelo liso decide tirar o produto químico para que seu cabelo possa crescer naturalmente.

trabalho para a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica 1 (PPP), em que foi realizado uma pesquisa de campo em uma escola da Rede Estadual do Município de Caruaru fui investigar de que maneira o racismo interfere na construção da identidade das crianças negras.

Logo, em campo vi que as relações que ocorrem no âmbito escolar dita o trato para com cabelo e percebi que na minha infância meu pedido encarecido para minha mãe: “—Mãe trança ou amarra bem o meu cabelo porque eu não quero mais aparecer assim lá”, não foi algo isolado. Em um fragmento retirado do diário de campo da PPP quando perguntei pra uma aluna que estava sentada próxima a mim, o que ela acha da cor dela, ela me respondeu dizendo: "aah... Eu acho normal! O que eu não gosto muito é do meu cabelo, é muito “ruim”, aqui eles me chamam de cabelo de “Bombril”. Esta fala, mesmo que implicitamente, nos diz que as interações ocorridas na escola reproduz estereótipos de beleza que inviabiliza a construções positivas sobre o ser negro (a).

Por conseguinte, trazemos o segundo aspecto que justifica essa pesquisa: o acadêmico. Este se constitui do levantamento realizado no site da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) a fim de uma maior familiaridade com as discussões que se aproximam do nosso objeto de estudo. Para sustentar e aperfeiçoar o nosso objeto de pesquisa que diz respeito à identidade da mulher negra foi feito buscas nos anais da ANPED, elegida por ser tratar da mais importante Associação de Pós- Graduação e Pesquisas em Educação à nível nacional.

No levantamento, analisamos os elementos quantitativos dos trabalhos de comunicação oral localizados no banco de dados da ANPED no período de 2010 a 2015, correspondente a 33<sup>a</sup> a 37<sup>a</sup> edições. O enfoque desse levantamento ocorreu nas comunicações orais de dois Grupos de Trabalhos (GT): GT 21- Educação e Relações Étnicos Raciais e GT 23- Educação, Gênero e Sexualidade. A escolha pelo GT 21 se deu porque esse grupo trata especificamente das questões étnicos raciais e o GT 23 porque pressupomos que por ser um GT que trata sobre gênero poderia vir alguma produção relacionada mulher negra.

Com as buscas, no total de 194 trabalhos correspondentes ao GT21 e GT23 apenas 9 trabalhos possuíam relação com o nosso objeto de pesquisa, todos eles no GT de Educação e Relações Étnico Racial, conforme explícito no Quadro 1.

**QUADRO1 - Total de Trabalhos Levantados por GT da ANPEd no Período de 2010 a 2015**

	<b>GT 21 Educação e Relações Étnico-Raciais</b>		<b>GT 23 Gênero, Sexualidade e Educação</b>	
<b>Reuniões</b>	<b>Total de GT</b>	<b>Relação com objeto</b>	<b>Total de GT</b>	<b>Relação com o objeto</b>
<b>33º- 2010</b>	13	0	15	0
<b>34º- 2011</b>	30	3	15	0
<b>35º- 2012</b>	22	3	17	0
<b>36º- 2013</b>	18	2	17	0
<b>37º- 2015</b>	21	1	26	0
<b>Total</b>	104	9	90	0

FONTE: Quadro construído a partir dos dados contidos no site da ANPEd, disponível em: <http://www.anped.org.br>.

O processo de análise de dados em si envolve várias etapas para dar significação aos dados coletados. No que se refere às diferentes etapas inerentes à análise de conteúdo, optou-se por elencar as etapas da técnica segundo Bardin (2006), o qual as organiza em três fases: 1) pré-análise, que é a fase em que se organiza o material a ser analisado; 2) exploração do material que consiste na exploração do material com a definição de categorias e a identificação de unidades de registro; 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta etapa é destinada ao tratamento dos resultados; ocorre nela a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (Bardin, 2006).

Tendo em vista as diferentes fases da análise de conteúdo proposta por Bardin (2006) realizamos a leitura dos títulos e palavras-chaves dos 194 resumos correspondentes ao GT 21 e GT 23 e não encontramos nenhum trabalho que tratasse especificamente da questão da identidade de mulheres negras na Educação de Jovens e Adultos, então reorientamos nossa busca e elegemos os trabalhos que em seu título e resumo abordaram o descritor Identidade.

Capturamos os trabalhos que no título trouxessem direcionamento que se aproximasse do descritor definido: Identidade. Deste modo, destacamos que dos dois GT's pesquisados, apenas um, o GT 23, apresentou trabalhos que possuíam relação com a temática acima definida. Fizemos a leitura detalhada de cada um a fim de identificar os que possuíam pertinência com o que buscávamos.

Para uma melhor organização elencamos três descritores intitulados *a) Identidade da mulher negra na docência b) Construção da identidade no contexto escolar c) Identidade e Direitos.*

Ao analisarmos os trabalhos que compuseram o nosso levantamento, observamos os seguintes aspectos como: Título; Pressuposto; Problema de Pesquisa; Objetivos Geral/Específicos; Abordagem Teórica; Abordagem Metodológica; e Resultados da Pesquisa. Estes elementos observados nos auxiliaram na aproximação das discussões sobre identidade de mulheres negras na Educação de Jovens e Adultos. Refletimos durante a análise de cada trabalho sobre as aproximações e os distanciamentos entre o nosso objeto de pesquisa e os textos lidos. Iniciaremos a análise a partir do descritor *a) Identidade negra na docência*, constituído por 4 trabalhos, representado no quadro 2.

**QUADRO 2 - Trabalhos do Descritor: Identidade negra na docência**

<b>Reunião/Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Instituição de ensino</b>
<b>35º - 2012</b>	"PROFESSORAS, SIM... TIAS, POR QUE NÃO?" ENSAIO DE UM PROCESSO PARA ALÉM DA DESINABILIZAÇÃO DE EXISTÊNCIAS.	Dulcinea Benedicto Pedrada	Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
<b>35º - 2012</b>	MULHERES NEGRAS E PROFESSORAS NO ENSINO SUPERIOR – AS HISTÓRIAS DE VIDA QUE AS CONSTITUÍRAM	Maria Clareth Gonçalves Reis	Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF
<b>34º - 2011</b>	PROFESSORAS NEGRAS: CONSTRUINDO IDENTIDADES E PRÁTICAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO NO ESPAÇO ESCOLAR	Claudilene Maria da Silva	Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
<b>35º - 2012</b>	IDENTIDADE RACIAL E TRAJETÓRIAS DE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR	Ana Amélia de Paula Laborne	Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

FONTE: Quadro construído a partir dos dados contidos no site da ANPED, disponível em: <http://www.anped.org.br>.

O primeiro deles intitulado *Mulheres negras; professoras, sim... Tias, por que não?* Ensaio de um processo para além da “desinvisibilização de existências” de Dulcinea Benedicto Pedrada - UFES. O trabalho trata dos processos de constituição de subjetividades de professoras negras, por meio de narrativas acerca de trajetórias escolares e práticas pedagógicas desenvolvidas em diferentes níveis de ensino do básico ao superior. Para tanto, teve como objetivos específicos escutar experiências que traduzissem relações étnico-raciais vivenciadas por professoras negras em seus cotidianos escolares; conhecer situações de vida que traduzissem, além dessas, as relações de gênero vividas profissionalmente, e investigar possíveis relações entre as experiências referenciadas pelas professoras, as subjetividades produzidas e as práticas pedagógicas narradas.

O segundo trabalho desse respectivo núcleo de sentido intitulado *Mulheres negras e professoras no ensino superior – as histórias de uma vida que as constituíram*, de Maria Clareth Gonçalves Reis - UENF. O artigo objetiva compreender processos de construção de identidades raciais negras de professoras que atuam no ensino. Como objetivo específico, a autora procurou perceber, especialmente, como processos de construção de identidades raciais, de gênero e de classe são vivenciados por professoras negras que atuam no ensino superior. Em relação à escolha dos sujeitos, o motivo pelo qual se optou por mulheres negras e não por homens negros justifica-se, inicialmente, pela própria trajetória de vida da autora, que vem demonstrando que ser mulher negra no Brasil é ter que quebrar barreiras cotidianamente.

O terceiro trabalho que compõe esse mesmo núcleo foi capturado na 34ª RA que tem como título *Professoras Negras: construindo identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar* de autoria de Claudilene Maria da Silva - UFPE. Que pressupõe que a intervenção pedagógica de cada professora está intrinsecamente associada ao seu próprio processo de construção identitária, para compreender como é que se dá este processo de construção, num contexto em que o silenciamento sobre relações étnico/raciais ainda se faz muito presentes. Neste sentido, o trabalho tem como objetivo geral do estudo: analisar o processo de construção da identidade étnico-racial de professoras negras e sua influência na emergência de práticas curriculares de enfrentamento do racismo no espaço escolar. E como objetivos específicos: caracterizar como ocorre o processo de construção da identidade étnico-racial de professoras negras; identificar os saberes que são mobilizados pelas professoras no processo de construção de sua identidade étnico racial; analisar a influência da percepção do pertencimento étnico-racial nas práticas curriculares desenvolvidas pelas professoras negras; e caracterizar as práticas curriculares de enfrentamento ao racismo, que são vivenciadas por essas professoras no espaço escolar.

Encontramos também na 35ª RA um artigo pertinente com o nosso primeiro descritor Identidade negra na docência que trata da identidade negra, porém não estritamente de professoras, como nós citados acima, já que os sujeitos da pesquisa são cinco homens e uma mulher. O artigo intitula-Identidade racial e trajetórias de docentes do ensino superior de autoria Ana Amélia de Paula Laborne - UFMG. A pesquisa aborda as nuances, os conflitos e os dilemas vividos por esses sujeitos e as principais experiências que marcaram e constituíram essa trajetória, buscando compreender os processos de construção de suas identidades raciais.

O segundo descritor que tem por título *Construção da identidade no contexto escolar*. identificamos que três trabalhos tratam identidade negra se direcionam para as relações do cotidiano escolar. Nos trabalhos são apontadas concepções conflitantes, de um contexto cotidiano plural, mas de uma homogeneização das práticas, desconsiderando as desigualdades presentes na sociedade brasileira e, portanto, no cotidiano escolar. Estes trabalhos estão elucidados no Quadro 3.

**QUADRO 3 – Trabalho do Núcleo de Sentido: Construção da identidade no contexto escolar**

<b>Reunião/Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Instituição de ensino</b>
<b>34º - 2011</b>	IDENTIDADES E DIVERSIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR: O LUGAR AFROBRASILEIRO	Maria Batista Lima	Universidade Federal de Sergipe - UFS
<b>34º - 2011</b>	REFLEXÕES EM TORNO DAS RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL E DA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE CRIANÇAS NEGRAS NA SALA DE AULA COM BASE NA PERSPECTIVA DIALÓGICA	Francisca De Lima Constantino	Universidade Federal de São Carlos-UFSCar
<b>37º - 2015</b>	A (IN)VISIBILIDADE E A (DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO	Leiva de Figueiredo Viana Leal Marilzade Oliveira Santos	Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG Universidade Estadual de Minas Gerais-UEMG

FONTE: Quadro construído a partir dos dados contidos no site da ANPED, disponível em: <http://www.anped.org.br>.

Começamos pelo trabalho de autoria de Maria Batista Lima – UFS intitulado *Identidades e diversidade no cotidiano escolar: o lugar afrobrasileiro*, que traz os repertórios identitários étnico-raciais afro-brasileiros e suas abordagens no cotidiano das escolas. No trabalho são analisados discursos e práticas de professoras de duas escolas públicas de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental de Itabaiana-SE-Brasil sobre expressões e repertórios identitários étnico-raciais afro-brasileiros e suas abordagens no cotidiano das escolas.

O segundo trabalho intitulado: *Reflexões em torno das relações raciais no Brasil e da constituição da identidade de crianças negras na sala de aula com base na perspectiva dialógica* de Francisca De Lima Constantino- UFSCar. Este traz reflexões acerca das relações raciais no Brasil ao longo da sua história, bem como, relaciona suas influências históricas e sociais na construção da identidade negra do passado a atualidade. Como parte dos resultados, conclui que o diálogo sobre as diferenças em sala de aula se faz importante na formação das identidades das crianças negras e brancas; que a formação do professorado na questão étnica e racial é fator ímpar para a valorização da diversidade no espaço escolar e que é possível fazermos uma educação anti-racista a partir de relações raciais mais igualitárias e dialógicas.

Já o terceiro trabalho voltado para o contexto escolar foi capturado na 37ª RA. A (in)visibilidade e a (des)construção da identidade negra na sala de aula do ensino médio de Leiva de Figueiredo Viana Leal – UFMG e Marilza de Oliveira Santos – UEMG. Trata do discurso, identidade, invisibilidade e escola, tendo como corpus eventos discursivos de práticas de sala de aula de Língua Portuguesa de escolas públicas que atendem alunos de Ensino Médio. O objetivo desse texto é analisar como as representações de imaginários coletivos dão lugar a um processo de invisibilidade de alunos negros que frequentam essas escolas e a um conseqüente apagamento das identidades desses sujeitos.

O terceiro e último descritor que teve por título *Identidade e direito* traz dois trabalhos. Os trabalhos estão descritas no Quadro 4.

**QUADRO 4- Trabalhos do Núcleo de Sentido: Identidade e Direito**

<b>Reunião/ Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>Instituição de ensino</b>
<b>36º- 2013</b>	EDUCAÇÃO E CULTURA NEGRA: FORTALECIMENTO DE IDENTIDADES E DE DIREITOS	LeuniceMartins de Oliveira	Faculdade de Educação Pontifício Universidade Católica - FACED/ PUC-RS
<b>37º- 2015</b>	OS CANDIDATOS APROVADOS PELO REGIME DE COTAS RACIAIS E OS CONFLITOS SOBRE A IDENTIDADE NEGRA NA BANCA AVALIADORA DE FENÓTIPO	Eugenia Portela de Siqueira Marques eIreniAparecida Moreira Brito	Universidade Federal da Grande Dourando – UFGD Universidade Estadual do Mato Grosso do sul- UEMS

FONTE: Quadro construído a partir dos dados contidos no site da ANPED, disponível em: <http://www.anped.org.br>.

O primeiro capturado na 36º RA foi intitulado Educação e cultura negra: fortalecimento de identidades e de direitos da autoria de Leunice Martins de Oliveira-FACED/ PUC-RS. Abordou o desenvolvimento da formação docente a partir da reflexão sobre a construção das identidades infantis na recepção da produção cultural afro-brasileira oferecida às crianças através da televisão, a partir da implantação da Lei Federal 10.639/03. O percurso metodológico previu estudos bibliográficos sobre culturas, culturas afro-brasileiras, identidades, diferenças, infâncias, educação e educomunicação. Trata-se de um estudo empírico, de cunho qualitativo, realizado em três escolas da rede pública municipal. A unidade de análise são professores e crianças receptoras de televisão. O instrumento de pesquisa utilizado foi entrevista.

Por fim, analisamos o trabalho: Os candidatos aprovados pelo regime de cotas raciais e os conflitos sobre a identidade negra na banca avaliadora de fenótipo. Este trabalho foi publicado na 37º RA, de Eugenia Portela de Siqueira Marque – UFGD e Ireni Aparecida Moreira Brito -UEMS. O respectivo artigo analisa as falas dos candidatos pretos e pardos na banca avaliadora do fenótipo, em uma instituição de ensino superior da Região Centro-Oeste. Neste artigo, buscou-se identificar em que medida as falas dos candidatos pretos e pardos,

aprovados pelo sistema de cotas raciais, nas entrevistas realizadas pela banca avaliadora de fenótipo, revelam a negação do ser negro ou sinalizam conflitos identitários, em decorrência da imposição histórica e legitimação de um único padrão de referência: “o branco”. Diante de todo o exposto, constatamos que os trabalhos se aproximam da nossa discussão porque dialogam com as/os sujeitas/os para entender o significado que a identidade possui na vida destes. Além disto, são muito relevantes pois trazem identidades sob diversas vertentes importantes possibilitando um maior entendimento de como esse conceito é importante para compreendermos como as identidades das relações étnicas raciais se estabelecem. Isso reforça a ideia da Identidade da Mulher Negra na Educação de Jovens e Adultos como uma luta necessária para as mulheres que constituem este espaço.

Observamos também que nos trabalhos há a ausência dos Estudos Pós-Coloniais Latino-Americanos como abordagem teórica de pesquisa. Outro ponto também que se distancia é carência de trabalhos que dialogam sobre a identidade e estética de mulheres negras.

O racismo é um assunto instigante por natureza, e quando associado ao âmbito escolar, gera ainda mais questões que precisam ser esclarecidas. É preciso antes de tudo, compreender que a escola é o lugar que contribui fundamentalmente na formação do sujeito em todos os seus aspectos, inclusive no que diz respeito a identidade racial. Segundo Gomes (2003, p. 170/171): "A escola é vista, aqui, como uma instituição em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade".

Deve-se repensar na atualidade o papel da escola como auxiliador de identidades, pois é um desafio desenvolver na escola novos espaços pedagógicos que visem à valorização das diversas identidades integrantes do povo brasileiro, por meio de métodos pedagógicos que levem o aluno a conhecer sua origem e a reconhecer-se como brasileiro. Muitos brasileiros negam sua identidade, pois a escola não os permitiu conhecer sua história e saberem quem são.

A identidade<sup>4</sup> é concebida nessa pesquisa, como uma construção levando em conta o contexto sociocultural, privilegiando as dimensões pessoal e social de cada sujeito. Essas

---

<sup>4</sup> Tomamos como o princípio o conceito de identidade a partir da ideia de Stuart Hall e Nilma Gomes. Os autores postulam que o sujeito não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas formada e transformada continuamente, sofrendo a influência das formas como é representado ou interpretado nos e pelos diferentes sistemas culturais de que toma parte. Gomes, por sua vez, nos diz que identidade é aquilo que diferencia cada um e nós e só nos iguala a nós mesmos, mesmo que seja entendida num processo de transformação, é da ordem da representação e está localizada na consciência. Ela diz respeito à imagem como a pessoa se vê no plano subjetivo, como percebe o que lhe é próprio enquanto individualidade diferenciada.

dimensões estão relacionadas, pois se acredita que o sujeito está inserido em um grupo social, e a partir do convívio com esses grupos sociais como família, escola, amigos, comunidade ele vai se constituindo sujeito desempenhando papéis diversificados.

A discussão sobre identidade perpassa a questão do cabelo, pois este é um forte símbolo da cultura e identidade negra. Quando falamos na questão étnico racial no Brasil a questão do cabelo é fundamental. Gomes sinaliza que, “O entendimento da simbologia do corpo negro e dos sentidos da manipulação de suas diferentes partes, entre elas, o cabelo, pode ser um dos caminhos para a compreensão da identidade negra em nossa sociedade.” (p. 174, 2003). A partir disso pressupomos que, em grande parte das mulheres negras que adotam os diversos tipos de alisamentos são na maioria por terem em sua infância e na adolescência sofrido alguns tipos de preconceitos, assim como as dificuldades enfrentadas por elas no manuseio dos cabelos por serem crespos. Pois, este é tomado como característica distintiva que determina relações de poder na sociedade.

Neste sentido, compreendemos que as discussões sobre identidade apontadas nas publicações permitem-nos ter uma compreensão mais ampla sobre o problema, mas não possibilitam a compreensão dos elementos mais específicos do contexto escolhido para a nossa pesquisa. Dessa maneira, temos como questão-problema da pesquisa: **Como as mulheres negras estudantes da Educação de Jovens e Adultos se identificam racialmente e qual a relação delas com seus cabelos crespos?** Diante desta pergunta, definimos como objetivo geral de nossa pesquisa: compreender como as mulheres negras que são estudantes da Educação de Jovens e Adultos se identificam racialmente e qual é a relação delas com seus cabelos crespos. Como objetivos específicos, pretendemos: a) Identificar e caracterizar os perfis raciais das mulheres negras estudantes da Educação de Jovens e Adultos; b) Identificar as relações que as mulheres negras possuem com seus cabelos crespos; c) Entender como a relação das mulheres negras com seus cabelos crespos contribui na constituição da sua identidade racial.

A título de organização, além da introdução e das referências, este trabalho encontra-se subdividido em três capítulos. O primeiro divide-se em duas seções: Estudos Pós-Coloniais Latino-Americanos e Identidade da Mulher Negra, momento em que discorreremos sobre o marco teórico eleito para estabelecermos o diálogo com os dados coletados. No segundo capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para atender aos objetivos propostos e, no terceiro capítulo as discussões advindas dos resultados. Por fim estabelecemos as considerações finais advindas desta experiência.

## 2. ABORDAGEM TEÓRICA

Neste capítulo, buscamos realizar uma aproximação com alguns dos principais conceitos dos Estudos Pós-Coloniais Latino-Americanos: Racionalização, Racialização, Colonialidade do Poder, do Saber, do Ser e da Natureza (QUIJANO, 2005; WALSH, 2008). Essa aproximação tem como intuito nos auxiliar político e epistemologicamente na compreensão das formas de silenciamento e subalternização, resistência e enfrentamento da Negra em relação às Heranças Coloniais.

Na segunda seção, tratamos a questão da identidade da mulher negra enquanto uma construção social a partir da Herança Colonial, constituindo um papel importante na construção ou desconstrução de valores, de estereótipos e de representações da Negra no imaginário social.

### 2.1 Estudos Pós-Coloniais

Para nos embasarmos a teoricamente, buscamos os Estudos Pós-Coloniais Latino-Americanos por discutirem elementos que explicam a exploração territorial e epistêmica da América Latina, especificamente dos negros. Acreditamos que esta abordagem nos auxiliará a compreender com maior especificidade o nosso objeto de estudo.

O **Colonialismo** é um projeto que se materializa com a colonização das Américas (Quijano, 2005). Desde então, dá-se início a uma intensa dinâmica de exploração dos recursos dos territórios ocupados e de seus habitantes, processo que só vai ter seu término político-jurídico em meados do século XX, num processo que se convencionou denominar “descolonização”. O colonialismo na América inicia a constituição colonial dos saberes, da cultura, das linguagens, da memória (Mignolo, 1995).

No processo de colonialismo-colonização resultou na violência, nos abusos e na mão-de-obra escravizada. A relação de dominação/exploração entre colonizador e colonizadas/colonizados teve sucesso com o reforço contínuo de uma falsa naturalização da condição de inferioridade dos povos explorados que ocupam a categoria de não-sujeitos/selvagens e, portanto podem ser exploradas/explorados.

Cabe lembrar que dentro do processo de exploração/dominação do trabalho o negro ocupa uma posição inferior a índia e ao índio. O Negro, de acordo com o cânone religioso, não tinha alma era um selvagem e, portanto, o trabalho pesado e escravizado lhe cabia; já à índia e o índio podiam ter alma e, assim podiam ser salvos (HERNANDEZ, 2008).

Segundo QUIJANO (2005) a modernidade se configura baseadas em dois pilares: **Racialização e Racionalização**. O primeiro refere-se em categorizar a sociedade em raças. E o segundo diz respeito à forma de controlar o trabalho, seus recursos e seus produtos sustentados em uma racionalidade eurocêntrica.

A **Racionalização** estabeleceu o controle de onde, de quem e de que forma os conhecimentos ditos como válidos eram produzidos e disseminados, estabelecendo o padrão de racionalidade eurocentrado, negando todos os conhecimentos e as formas de produção que não pertencessem a Europa. A Racialização se materializou na relação entre conquistador e conquistado através da ideia de raça, com isso, forja a distinção da estrutura biológica situando “uns em situação natural de inferioridade em relação a outros” (Quijano, 2005, p.228), dentre estes os negros, os índios e as mulheres.

Segundo Quijano(2007), **Colonialismo e Colonialidade** são dois conceitos relacionados, porém distintos. O **Colonialismo** denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta ideia, a **Colonialidade** se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça.

Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente. (TORRES, 2007, p. 131).

Na forma da colonialidade, ele chega às raízes mais profundas de um povo e sobrevive apesar da descolonização ou da emancipação das colônias latino-americanas, asiáticas e africanas nos séculos XIX e XX. O que esses autores mostram é que, apesar do fim dos colonialismos modernos, a colonialidade sobrevive. Esse contexto evidencia que o colonialismo-colonização não atuou unicamente nas relações formais de poder, mas o ideário colonial atuou também por meio da Colonialidade penetrando nas estruturas sociais tanto na dimensão material; quanto na dimensão imaterial dos povos subjugados. Diante disso, a imposição do padrão hegemônico que resultou na absorção e submissão dos sujeitos às crenças e aos valores da cultura branca se reestrutura na **Colonialidade** nos seguintes eixos: **do Poder, do Saber e do Ser** (QUIJANO, 2005) e Walsh acrescenta a **Colonialidade da Natureza** (2008).

Quijano (2005) vai propor o conceito de **Colonialidade do Poder** para referir-se a essa situação. Esta seria uma estrutura de dominação que submeteu a América Latina, a África e a Ásia, a partir da conquista. O termo faz alusão à invasão do imaginário do outro, ou seja, sua ocidentalização. Mais especificamente, diz respeito a um discurso que se insere no mundo do colonizado, porém também se reproduz no lócus do colonizador. Nesse sentido, o colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário.

Assim, a Colonialidade do Poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos. Opera-se, então, a naturalização do imaginário do invasor europeu, a subalternização epistêmica do outro não-europeu e a própria negação e o esquecimento de processos históricos não-europeus. Essa operação se realizou de várias formas, como a sedução pela cultura colonialista, o fetichismo cultural que o europeu cria em torno de sua cultura, estimulando forte aspiração à cultura europeia por parte dos sujeitos subalternizados.

Portanto, o eurocentrismo não é a perspectiva cognitiva somente dos europeus, mas torna-se também do conjunto daqueles educados sob sua hegemonia. Nesse sentido, pode-se afirmar que a colonialidade do poder construiu a subjetividade do subalternizado, necessitando, portanto, segundo Quijano (2007), pensar historicamente a noção de raça. A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial como pedra angular deste padrão de poder (QUIJANO, 2007, p. 93).

Além disso, esse conceito operou a inferiorização de grupos humanos não-europeus, do ponto de vista da produção da divisão racial do trabalho, do salário, da produção cultural e dos conhecimentos. Por isso, Quijano (2007) fala também da **Colonialidade do Saber**, entendida como a repressão de outras formas de produção de conhecimento não-europeias, que nega o legado intelectual e histórico de povos indígenas e africanos, reduzindo-os, por sua vez, à categoria de primitivos e irracionais, pois pertencem a “outra raça”.

O homem branco europeu passa a ser visto como o único detentor do saber esse por sua vez também único e universal livre de questionamentos, as riquezas naturais e os outros povos não europeus eram subordinados o que se refletiu no Brasil na escravidão de índios e negros. O saber era anunciado da metrópole, de lá vinha todo o saber ‘puro’ produzido formando assim uma hegemonia silenciando povos africanos.

Para Mignolo, a expansão ocidental após o século XVI não foi somente econômica e religiosa, mas também das formas hegemônicas de conhecimento, de um conceito de

representação do conhecimento e cognição, impondo-se como hegemonia epistêmica, política e historiográfica, estabelecendo, assim, a Colonialidade do Saber.

O conceito de **Colonialidade do Ser**, Catherine Walsh (2005) vai recordar as palavras de Frantz Fanon (1983) para relacionar colonialismo a não-existência: Em virtude de ser uma negação sistemática da outra pessoa e uma determinação furiosa para negar ao outro todos os atributos de humanidade, o colonialismo obriga as pessoas que ele domina a perguntar-se: em realidade quem eu sou? (FANON apud WALSH, 2005, p. 22). A colonialidade do ser é pensada, portanto, como a negação de um estatuto humano para africanos e indígenas, por exemplo, na história da modernidade colonial.

Nos reportamos agora a Mignolo (2010), que reforça a necessidade de uma desobediência teórica como o principal caminho para os pensadores pós-colonial/descolonial. Segundo o autor a desobediência epistêmica não se trata de “política de identidade” mas sim de “identidade em política”, A primeira tese, a identidade na política é um movimento necessário de pensamento e ação no sentido de romper as grades da moderna teoria política, que é \_ mesmo que não se perceba \_ racista e patriarcal por negar o agenciamento político às pessoas classificadas como inferiores (em termos de gênero, raça, sexualidade, etc). A segunda tese se fundamenta no fato de que essas pessoas, consideradas inferiores, tiveram negado o agenciamento epistêmico pela mesma razão.

## **2.2 Construção da Identidade e Identidade da Mulher Negra**

Nesse momento trataremos da questão da Identidade, para discutir faz-se necessário primeiro uma reflexão sobre o conceito de identidade e como este se constituiu para a identidade da mulher negra no Brasil.

O olhar dado ao corpo feminino negro incorpora elementos construídos culturalmente na sociedade que remonta a maneira como a mulher negra era vista e tratada em tempos históricos. Através de sinais como cor da pele, tipo de cabelo, formatos de nariz e boca, padrões estéticos e de comportamento, reproduz relações hierarquizadas e socialmente definidas, que ratificam posições econômicas e políticas.

Cada indivíduo desenvolve estratégias particulares diante das situações de discriminação. Estes muitos jeitos de lidar e reagir ao preconceito racial e de gênero estão diretamente ligados a dois aspectos: à construção de identificação positiva pelo indivíduo e às suas possibilidades de socialização, informação e inserção na sociedade. Referindo-se ao processo de construção da identidade negra, Souza (1983, p.10), afirma que:

A identidade negra é entendida, aqui, como um processo construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial. Como qualquer processo identitário, ela se constrói no contato com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo. (...) ser negro no Brasil é 'tornar-se negro'. Assim, para entender o 'tornar-se negro' num clima de discriminação é preciso considerar como essa identidade se constrói no plano simbólico. Referimo-nos aos valores, às crenças, aos rituais, aos mitos, à linguagem desenvolvidos.

Processo análogo se dá também em relação ao "tornar-se mulher", preconizado por Simone de Beauvoir (1986). Tornar-se, neste caso, significa assumir-se mulher negra, adotando uma "identidade de projeto", capaz de reformular sua inserção na sociedade com o objetivo de interferir na estrutura social, como nos termos de Castells (1994). Woodward (2000:28) esclarece que: "Ao ver a identidade como uma questão de "tornar-se" aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas herdadas de um suposto passado em comum".

Entendemos que o processo de "tornar-se" negra é, primeiramente, pessoal, mas assume também uma dimensão política-ideológica em uma sociedade eminentemente racista, em que o branqueamento ainda se coloca como um ideal. Neste sentido, ser branco constitui um privilégio, em que a mestiçagem fragmenta a identidade étnico-racial na medida em que os mestiços tentam se aproximar mais de uma brancura inatingível do que de uma negritude que seja explicitamente assumida no seio das relações raciais do Brasil, se firmando tanto como resistência como uma maneira de lutar contra o racismo. Assumir-se como uma mulher negra é uma atitude, sobretudo, política. Mulheres negras não ocupam os espaços privilegiados a exemplo das universidades na condição de professoras, na mídia como jornalistas, ou apresentadoras, nos cursos mais prestigiados. Ao contrário, estas mulheres estão limpando o chão desses espaços, estão trabalhando como empregadas domésticas, estão morando nas periferias, sendo desrespeitadas e invisibilizadas todos os dias. Em consonância a isso Werneck (2010) ressalta:

As mulheres negras não existem. Ou, falando de outra forma: as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos.

O mito da democracia racial, aliado ao ideal de branqueamento, remodelado, sustentado e difundido por aparelhos ideológicos como escola, família e mídia, que veiculam valores que reforçam uma suposta superioridade racial e cultural branca, torna um desafio o processo de afirmação de uma identidade negra em uma sociedade racista como o Brasil. Desafio não só porque o negro é inferiorizado, discriminado e invisibilizado constantemente, mas também pela mestiçagem, que cria um contínuo de cor em que se expressam diferentes tons de pele, existindo então, como muitas pessoas dizem, os “negros mesmos”, os “negros de verdade” (pessoas de pele mais escura) e os “mestiços”, “café com leite”, “moreninhos” (pessoas de pele mais clara). Estes, por sua vez, em um país racista, onde o branqueamento é um valor e um modelo hegemonicamente estabelecido ao qual se deve buscar atingir, tendem a negar e não afirmar qualquer identidade ligada à negritude, buscando, a todo custo, se embranquecer, uma vez que internalizam uma autoimagem negativa de si, reforçada, por exemplo, por uma mídia que exalta e propagandeia apenas a beleza de mulheres brancas.

Nesse sentido, busca-se apagar, inutilmente, qualquer traço que remeta a uma afrodescendência a começar pelo alisamento do cabelo, estimulado, muitas vezes, desde a infância, o que atinge centralmente as mulheres. Aí temos um impasse, na medida em que a brancura se configura principalmente como um conjunto de características que inevitavelmente estão ligadas a fatores biológicos (cor da pele, cabelo liso, etc.) que uma mulher mestiça nunca vai atingir de uma maneira que não fique “artificial”, além de nunca ser considerada como branca, afinal, mesmo alisando o cabelo, a cor da pele e traços como boca e nariz ainda vão remeter a uma negritude que se tenta tanto negar. O ideal tão divulgado e inculcado é, então, impossível de ser atingido e constitui uma das maiores angústias e também uma forma de violência que destrói a autoestima de muitas mulheres.

Ademais, o cabelo é elemento estético importantíssimo em nossa cultura, principalmente para mulheres. Infelizmente durante muito tempo o cabelo crespo é visto negativamente por nossa sociedade que é racista, protagonizada por brancos, onde poucos negros ocupam espaços de visibilidade, com isto é sabido que a estética do negro não é valorizada neste contexto social. Sobre isso Gomes (2008, p.6) afirma:

O cabelo crespo é um dos argumentos usados para retirar o negro do lugar da beleza. O fato de a sociedade brasileira insistir tanto em negar aos negros o direito de serem vistos como belos expressa, na realidade, o quanto esse grupo e sua expressão estética possuem um lugar de destaques na nossa constituição histórica e cultural. O negro é o ponto de referência para a construção de identidade do branco. Juntamente com o índio, o negro concretiza a nossa sociedade, a nossa cultura, as nossas relações sociais, políticas e econômicas.

O discurso do colonizador ainda impera de modo a levar a desculturação das mulheres negras que para serem aceitas socialmente abrem mão de sua própria cultura e identidade étnica. Estas construções afetaram profundamente a questão estética, pois a problemática da diversidade está também sobre o fenótipo negro, em que coloca os principais símbolos da identidade deste grupo em um sistema de rejeição e exclusão. Por isso, o cabelo e o corpo foram, e são alvos de mudanças por vezes violenta e traumáticas, como alisamentos, plásticas, entre outros recursos em busca de uma visualização, mesmo que seja ao encontro da branquitude.

Desta forma a identidade, se considerada única e eurocentrada, torna-se instrumento de dominação política e cultural, obedecendo a padrão que considerava como "inumanos universais", nos termos de Sodré (1999:54), os sujeitos e grupos que reuniam os qualificativos referentes ao "não homem". Baseada nesta premissa, a autora chama a atenção para as semelhanças entre as lógicas com as quais operam o racismo e o sexismo, tanto no que se refere à discriminação, observadas através das desigualdades sociais estatisticamente mensuráveis, como também em esferas mais amplas reveladas, explícita ou implicitamente, através de "determinações e condicionamentos às possibilidades e as perspectivas de vida das pessoas e dos grupos humanos envolvidos" (Nascimento, 2003:66). Para as mulheres negras, acreditamos que o ethos constituído a partir do supremacismo branco e do patriarcalismo modela suas escolhas, que não se dão de forma aleatória, sem história, distanciadas das condições sociais, pessoais e familiares.

Esta mediação entre os referenciais que orientam sua forma de agir e dos grupos a que pertencem interfere no seu campo de possibilidades, conformando identidades e trajetórias de vida. Quando racismo e sexismo se conjugam, as consequências danosas se multiplicam, provocando uma espécie de "asfixia social" para estas mulheres. Estes efeitos se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental, rebaixamento da autoestima, expectativa de vida menor, menor índice de nupcialidade<sup>5</sup> e, sobretudo, no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração.

Outrossim, as mulheres negras são estereotipadas e subvalorizadas na história do Brasil, em decorrência do vigor com que sistemas de inferiorização deste grupo social têm atuado ao longo da história entre nós. E que acabam por influenciar as interpretações sobre suas formas de participação social. A luta das mulheres negras contra o racismo e suas manifestações através do preconceito e da discriminação racial e contra as contradições presentes na relação entre os gêneros tem feito progressos notáveis no campo dos direitos

---

Número de casamentos realizados em determinado período. AURÉLIO, Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

sociais e humanos. Contudo, a realidade demanda uma ampliação desta luta, com capacidade de apreender na dinâmica social os antagonismos presentes e inerentes a ela.

No que diz respeito à luta pela vida, compreendida na resistência cotidiana que acolhe “[...] é a mulher negra anônima, sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família, aquela que desempenha o papel mais importante. Exatamente porque, com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência, transmite a suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mas, sobretudo porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel – apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder”. (Gonzalez, 1982, p. 104). A dinâmica social onde está inserida a mulher negra é movida pela ordem capitalista, o que faz com que a luta da maioria seja por direitos sociais e, muitas vezes, por direitos básicos de sobrevivência, reivindicando junto aos poderes públicos a satisfação de demandas que decorrem das próprias exigências do capital, tal como ele se constitui atualmente.

A mulher negra sempre necessitou estar inserida na luta por melhores condições de existência e isto se dava através de diversas formas de organização, desde o período escravista, no pós-abolição e até os dias atuais, com organizações que nem sempre se acomodaram nos moldes formais, mas que sempre foram constantes. Ribeiro (2008, p.2) constata que:

As mulheres negras em seu processo político entenderam que não nasceram para perpetuar a imagem da "mãe preta", fizeram desaforos. Entenderam que desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, que, mediadas pela classe social, produzem profundas exclusões. São combinações de discriminações que geram exclusões, tendo como explicação a perpetuação do racismo e do machismo.

A construção e caracterização de homens negros e de mulheres negras, assim como identificação ou significação do “ser negro/a”, fazem parte dos processos históricos, sociais, políticos e culturais que necessitam de investigação e reflexões sobre a sociedade brasileira do passado e, principalmente, do presente.

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nessa seção traremos a metodologia que guiou essa pesquisa. Primeiro trazemos a justificativa da escolha da escola, e posteriormente apresentando os elementos constitutivos como o tipo de pesquisa, o campo da pesquisa, instrumentos e técnicas de análise de dados.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optamos por uma escola da rede estadual no município de Caruaru-PE que contenha turma de Educação de Jovens e Adultos. A escolha pela Escola 1 se deu primeiro, por um desejo pessoal já que a mesma havia sido a escola em que conclui o ensino médio em 2011. Ainda estudante, em uma escola nova matriculada só para cursar o terceiro ano do ensino médio depois de ter estudado durante toda vida escolar em uma mesma escola, tinha uma curiosidade despreziosa por todas aquelas pessoas que estudavam ali. Olhava pra escola e pros alunos com estranheza causada pela sensação de não pertencimento daquele lugar.

Realizar a coleta de dados do trabalho de conclusão de curso seria a oportunidade de regresso aquela escola e de me aproximar de estudantes. Por conseguinte a escolha perpassa também pelo fato da rede estadual ofertar as turmas do ensino médio e da Educação de Jovens e Adultos o Componente Curricular Educação em Direitos Humanos. A disciplina pode contribuir na medida em que trabalha com as relações étnicos raciais podendo ser um importante canal para a formação de cidadãos, conscientes e críticos do seu papel enquanto sujeitos históricos e agentes de transformação social. Além disto as mulheres estudantes da EJA por já serem adultas já conseguem falar com mais clareza sobre sua própria identidade e influência de seus cabelos na constituição desta identidade.

Nosso trabalho possui o caráter qualitativo, a qual, segundo Santos Filho e Gamboa (2009, p. 42), “está mais preocupada com a compreensão ou a interpretação do fenômeno social, com base nas perspectivas dos atores por meio da participação em suas vidas”. O seu foco “é a experiência individual de situações, o senso comum, o processo diuturno de construção de significado, o como” (SANTOS FILHO; GAMBOA, 1997, p.44).

O objetivo geral desta pesquisa caminha para a compreensão das relações de mulheres negras com seus cabelos crespos no contexto da Educação de Jovens e Adultos. Qualificado por um estudo de campo pois, caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental se realiza coleta de dados junto a pessoas. Segundo Gonçalves (2001, p.67) "a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentado".

Com relação aos procedimentos de coleta, de produção e de análise de dados, nos ancoramos em Minayo (2010) que define essa fase como termos empíricos do recorte teórico do objeto da investigação. Como componentes essenciais do trabalho de campo, Minayo (2010) destaca a entrevista que é um procedimento fundamental para coletar dados sobre a realidade proposta. Ao olhar para os objetivos da pesquisa e tendo identificado o campo empírico, percebemos que se fez necessário realizar entrevistas do tipo semiestruturada por permitir aprofundar temas peculiares sem lançar mão de uma padronização de questionamentos.

A respeito disso, a autora Duarte (2004, p.215) nos diz que: “Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados” pois possibilita uma maior flexibilidade, retomadas e negociações, possibilitando-nos ampliar e formular outros questionamentos a partir do roteiro inicial e do rumo que os sujeitos vão dando à pesquisa.

Uma outra técnica de coleta de dados utilizada em nossa pesquisa foi o questionário. Marconi e Lakatos (2003, p.201) definem questionário como “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Singularmente importante é o momento de formulação das questões.

Neste sentido, o questionário nos auxiliou a dar conta do primeiro objetivo específico da pesquisa: **Identificar e caracterizar os perfis raciais das mulheres negras que vivenciam a Educação de Jovens e Adultos**. A entrevista semiestruturada nos ajudou a cumprir com o segundo e o terceiro objetivo específico: **Identificar as relações que as mulheres negras possuem com seus cabelos crespos; entender como a relação das mulheres negras com seus cabelos crespos contribui na constituição da sua identidade racial**.

Compreendemos que a formulação desses instrumentos de coletas de dados requer atenção por parte do pesquisador que deve ter cuidado para não elaborar perguntas absurdas, arbitrárias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas. As perguntas devem ser feitas levando em conta a seqüência do pensamento do pesquisado, ou seja, procurando dar continuidade na conversação, conduzindo a entrevista com um certo sentido lógico para o entrevistado. Para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado relembre parte de sua vida.

Para tanto, após a elaboração desses instrumentos pensamos em critério de seleção dos (as) sujeitos (as). Desta forma, definimos que escolheríamos aleatoriamente uma sala e

aplicaríamos o questionário em todas as mulheres, a fim de verificarmos os perfis raciais das mulheres negras que vivenciam a Educação de Jovens e Adultos. Considerando as respostas, resolvemos que realizaremos a entrevista com aquelas sujeitas que se identificassem como negras e que se dispusessem a colaborar com a investigação.

Como instrumento de análise da parte empírica dessa investigação foi utilizado à técnica de análise de conteúdo que segundo Bardin, consiste num: [...] conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores [...] que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] dessas mensagens (BARDIN, 1991, p. 42). A análise de conteúdo é um importante instrumento para os estudos em educação Bardin (1977) se refere à Análise de Conteúdo como um conjunto de instrumentos metodológicos que se aperfeiçoa constantemente e que se aplica a discursos diversificados.

O processo de análise de dados em si envolve várias etapas para dar significação aos dados coletados. No que se refere às diferentes etapas inerentes à análise de conteúdo, optou-se por elencar as etapas da técnica segundo Bardin (2006), o qual as organiza em três fases: 1) pré-análise, que é a fase em que se organiza o material a ser analisado; 2) exploração do material que consiste na exploração do material com a definição de categorias e a identificação de unidades de registro; 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta etapa é destinada ao tratamento dos resultados; ocorre nela a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (Bardin, 2006).

O método da Análise de Conteúdo, segundo Bardin (1977) consiste em tratar a informação a partir de um roteiro específico, iniciando com (a) pré-análise, na qual se escolhe os documentos, se formula hipóteses e objetivos para a pesquisa, (b) na exploração do material, na qual se aplicam as técnicas específicas segundo os objetivos e (c) no tratamento dos resultados e interpretações.

Vale lembrar que já fizemos o uso dessa técnica nesta investigação. O seu uso não se dá apenas na análise dos dados empíricos, mas também fizemos o uso desta técnica desde a aproximação com o campo de pesquisa, delimitação do objeto de investigação e apropriação teórica dos materiais que embasaram este trabalho.

A fase da pré-análise se constituiu inicialmente com a nossa aproximação da produção do objeto de estudo (levantamento da ANPEd) e apropriação teórica sobre o objeto de pesquisa. Esta fase teve continuidade com o levantamento dos dados empíricos: aplicação dos questionários e entrevistas.

A partir dos dados coletados partimos para a outra etapa: a exploração do material. Para a exploração do material, necessitamos nos embasar em critérios apontados por Bardin (1977): exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência, para a construção de um Corpus Documental. Valendo-nos disso será possível a transcrição de todas as entrevistas realizadas.

Em vista disso, após os levantamentos dos dados, realizaremos a leitura exaustiva de todas as entrevistas para encontrarmos elementos que possam garantir a pertinência da investigação. Foi necessária a organização cuidadosa dos dados nesta fase de exploração do material, pois assim nos permitiu olhar para estes e encontrar respostas que atingem o problema de pesquisa. Feito isso, com a organização dos dados, constituímos o Corpus Documental que foram os dados de maior relevância com nosso objeto de investigação e que nos permitiu a constituição dos descritores.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No decorrer da pesquisa procuramos compreender como as mulheres negras que vivenciam a modalidade da Educação de Jovens e Adultos se identificam racialmente e qual é a relação delas com seus cabelos crespos. Deste modo, para que haja uma melhor compreensão sobre o caminho usado para chegarmos aos resultados aqui apontados, dividimos o capítulo em duas seções.

A primeira seção, chamada de *Caracterização das Sujeitas da Pesquisa*, traz os elementos coletados a partir das aplicação do questionário e define quais os perfis das sujeitas que compuseram esta pesquisa, cumprindo assim com o nosso primeiro objetivo: Identificar e caracterizar os perfis raciais das mulheres negras que vivenciam a Educação de Jovens e Adultos. A segunda seção, *Identidade das Mulheres Negras da Educação de Jovens e Adultos*, apresenta o tratamento dos dados e resultados das entrevistas realizadas na pesquisa.

### 4.1 Caracterização das Sujeitas da Pesquisa

Nesta pesquisa, consideramos importante lançar mão de um quadro quantitativo para traçar os perfis das sujeitas que responderam ao questionário, cumprindo assim com o nosso primeiro objetivo: identificar os perfis das/os estudantes evadidos (etnia, gênero, idade, ocupação profissional) da EJA em escolas do campo.

É importante salientar que ao total, 29 mulheres de 18 à 55 anos responderam ao questionário, dessas 29 nenhuma se auto declarou indígena. Para facilitar a compreensão, apresentaremos os dados gerais que elucidam os seus perfis no quadro abaixo:

**QUADRO 5 - Perfil Racial das Mulheres Negras estudantes**

<b>COR</b>	<b>AUTO DECLAÇÃO DE COR</b>	<b>RESIDENCIA E ESTADO CIVIL</b>	<b>PARTICIPAÇÃO NA VIDA ECONOMICA</b>	<b>OCUPAÇÃO</b>
<b>Branca</b>	28%	100% zona urbana/ 38% solteiras, 38% casadas, 12% separadas e 12% viúvas.	38% responsável pelo próprio sustento e contribui com sustento da família, 38% não trabalha, 12% responsável pelo próprio sustento e 12% principal responsável pelo sustento da família	60% autônomo e 40% emprego fixo particular
<b>Preta</b>	13%	75% zona urbana e 25% zona rural / 75% solteiras e 25% casadas	25% trabalha mas recebe ajuda financeira, 25% e responsável pelo próprio sustento, 50% responsável pelo próprio sustento e contribui com sustento da família	75% autônomo e 25% emprego fixo
<b>Parda</b>	55%	94% zona urbana e 6% zona rural / 75% solteiras, 19% casadas e 7% divorciadas.	5% trabalha mas recebe ajuda financeira, 25% responsável pelo próprio problema, 32% responsável pelo próprio sustento e contribui com sustento da família e 38% não trabalha.	40% autônomo, 33% fixo particular, 7 % fixo federal e 20% estagio.
<b>Amarelo</b>	4%	100% zona urbana / 100% solteiras	100% não trabalha e é sustentado pela família	100% estagio

Fonte: Quadro construído pela autora

Esses dados nos mostram que a tríade de categorias branca-parda-preta está centrada o maior número de mulheres que autodeclararam sua cor. Os resultados ora divulgados contemplam aspectos da identificação de origens étnica e geográfica das mulheres bem como também, estado civil e a participação na vida econômica da família. Revela que a maioria são solteiras, vivem na zona urbana e trabalham e ajudam no sustento da família, deixando claro assim, o perfil racial das mulheres estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

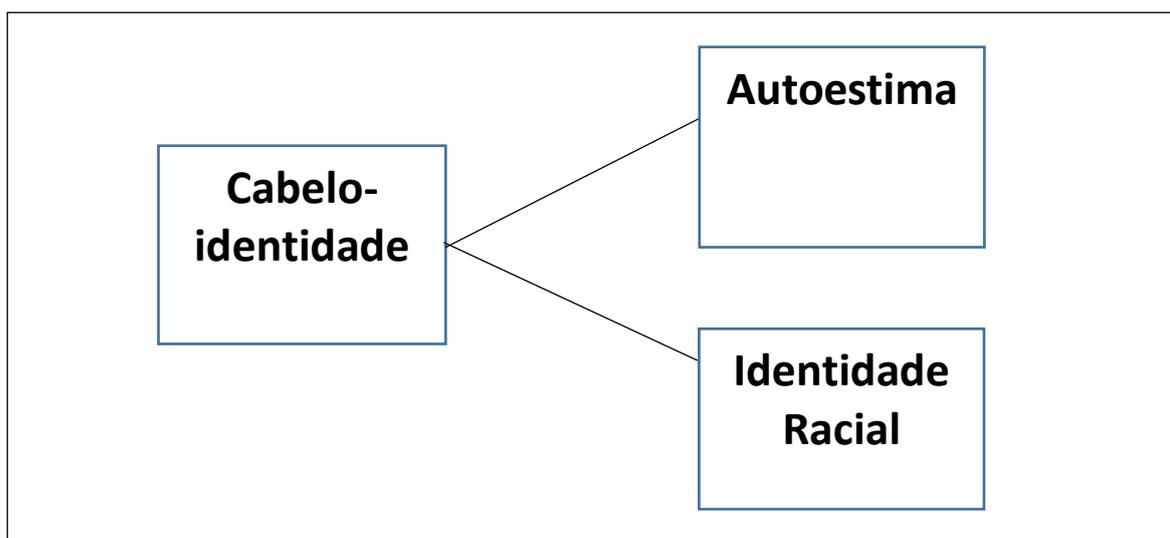
#### **4.2 - Identidade das Mulheres Negras na Educação de Jovens e Adultos**

A dificuldade de aceitação das mulheres negras pelos seus cabelos na Educação de Jovens e Adultos nos possibilitou refletir sobre as causas que fazem com que elas embora se identifiquem como negras preferem alisar seus cabelos. A literatura utilizada para a fundamentação nos direcionou à compreensão de que estudantes da EJA alisam seus cabelos por diversos motivos: influência do companheiro, dificuldade no trato, experiências negativas na infância. Para fundamentar esta argumentação nos pautamos em Gomes (2007), Gomes (2003), Quijano (2005)

Assim, nos baseamos no início da pesquisa na prerrogativa de que, em grande parte das mulheres negras que adotam os diversos tipos de alisamentos são na maioria por terem em sua infância e na adolescência sofridos alguns tipos de preconceitos, assim como as dificuldades enfrentadas por elas no manuseio dos cabelos por serem crespos. Nesta prerrogativa não desconsideramos os aspectos ligados a elementos mais subjetivos como a baixa autoestima das mulheres negras estabelecida a partir do processo de *Colonialidade do Ser/Poder*.

Após a realização de todas as entrevistas, fizemos as transcrições destas e organizamos através da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977; VALLA, 1990) as falas das sujeitas pesquisadas. Para tanto, realizamos a leitura flutuante de todos os dados para que pudéssemos estabelecer o caminho para a sua interpretação. Desta forma, para a compreensão do caminho que utilizamos para a definição das categorias, bem como para entendermos como ocorreu a análise dos dados coletados nas entrevistas, consideramos relevante explicitar sobre essas categorias: A primeira categoria trata de *como a relação das mulheres com seus cabelos refletem na autoestima*. A segunda categoria traz *elementos implícito ou explícito na relação com seus cabelos que contribuem na constituição da identidade racial*. Conforme expresso na Figura 1.

**FIGURA 1: Esquema de organização dos dados**



#### **4 2.1 - Como a relação das mulheres com seus cabelos refletem na autoestima**

Na tentativa de compreender o que se passou nesse universo das subjetividades de nossas entrevistadas, vejamos o que diz **S1** quando perguntada se estava feliz com seu cabelo, qual a relação com ele?

Estou. Eu gosto e admiro muito cabelos cacheados mas, gosto muito do meu liso e acho que combina mais comigo. Eu aliso desde de muito novinha... não consigo me imaginar de outro jeito.

Apesar de admirar cabelos cacheados a **S1** prefere cabelos lisos, até pela falta de identificação já que desde muito nova alisa, o cabelo alisado já constituiu sua identidade. Ainda nesta direção a **S2** aponta que sua relação de satisfação com o cabelo vai depender dele estar com produto químico para alisamento ou não, quando ela diz: "Quando ele está com produto eu fico satisfeita com ele mas quando o produto está caindo que eu tenho que dar de novo bate aquela raiva porque cabelo crespo dá muito trabalho".

Na situação apontada pela **S2** compreendemos que entre estar feliz ou infeliz com o seu próprio cabelo é uma linha muito tênue e inconstante. Essa relação vai partir do fato dele estar ou não alisado. Enquanto no primeiro caso nota-se a afirmação de uma identidade do cabelo liso formada desde a infância.

Gomes (2003) diz que estamos, portanto, em uma zona de tensão. É dela que emerge um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção

no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária.

Ainda tratando da auto estima quando perguntadas de que maneira o cabelo reflete em sua auto estima a **S1** nos responde:

Eu posso estar mais bem arrumada possível, com roupas e sapatos bonitos, cheirosa mas se meu cabelo não estiver bom eu não estou bem. Já deixei de sair várias vezes por não ter dado tempo de escovar e chapar.

Por sua vez a **S2** nos diz " quando ele tá com o produto eu fico ótima, mas quando o produto está começado a cair me dá logo uma agonia eu corro pro salão não fico sem produto nunca."

Deste modo, a mulher estudante da EJA é submetida à lógica da *Colonialidade do Ser* que subalterniza as mulheres. Este eixo reproduz e materializa a ideia de que mesmo com todo esforço para manter os cabelos alisados elas não conseguem alcançar o padrão ideal que lhes foi imposto, a lógica do ideal de beleza branca é construída em detrimento da negra. Se pensarmos nos efeitos da *Colonialidade do Ser* sobre a Negra foram/é perverso como nas falas citadas acima. A confiança e autoestima das mulheres se resumem ao cabelo, e se o alisamento não estiver mais dando conta de baixar o volume e mantê-los lisos vai gerar uma inconformidade e uma dependência.

Diante do exposto por S1 e S2, nos balizamos na discussão sobre *Colonialidade do Ser* (QUIJANO, 2005), que institui um modelo de ser e invalida as formas que se diferem deste modelo. A última pergunta deste descritor é se há dificuldades no manuseio do cabelo

Todo cabelo ruim dá trabalho não é só o meu não (risos) (S1)

Não, porque eu sempre ajeito no salão (S2)

Agora que estou alisando não, já alisei justamente por conta do trabalho que esse cabelo crespo me dá (S3)

Olha meu cabelo é meio... meio não ele é muito volumoso e seco, dou uma molhadinha ali ou faço uma escovinha aqui e fica tudo certo. (S4)

Nas falas das S2, S3 e S4 percebemos que segunda elas, a manipulação só é possível por meio de alguma intervenção de produtos químicos e/ou escova. Na fala da **S1** ao se referir ao seu cabelo como "ruim" fica implícito aí a *Colonialidade do Ser*. Visto que tudo que não se aproxima ou se enquadra dentro de um padrão, padrão esse eurocêntrico que foge da realidade de grande parte das mulheres brasileiras é tido como ruim, feio e inaceitável.

O cabelo do negro, visto como "ruim", é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como "ruim" e do branco como

“bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. Sobre isso Gomes (2007, p. 3) reforça:

Não apenas como fazendo parte do corpo individual e biológico, mas, sobretudo, como corpo social e linguagem; como veículo de expressão e símbolo de resistência cultural. A conscientização sobre as possibilidades positivas do seu cabelo oferece uma notável contribuição no processo de reabilitação do corpo negro e na reversão das representações negativas presentes no imaginário herdado de uma cultura racista.

Nesta perspectiva Gomes (2007) afirma que estamos, portanto, em uma zona de tensão. É dela que emerge um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária.

Paralelo a isso a *Colonialidade do Poder* estipula um padrão de dominação que se firma por meio de hierarquias subalternizadoras tais como a de raça, de gênero, de lugar, de padrão social entre outros. Este eixo se relaciona com a hierarquização que tem como parâmetros os modos de vida eurocentrados. A cosmovisão hegemônica define os moldes que não se enquadram nesse padrão como subalternos/inferiores (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2005). Que é o caso da lógica da hierarquização pautada pela **S1** ao afirmar que seu cabelo é ruim. Entendemos que este processo acontece porque desde muito cedo estamos acostumadas a ter como referencial de beleza o cabelo, a cor e os traços europeus, ao passo que naturalmente não há reconhecimento do cabelo crespo como um forte traço da ancestralidade africana. A fim de compreendermos como a relação com os cabelos constituem a identidade racial dessas mulheres é que organizamos o segundo descritor que será abordado na seção a seguir.

#### **4.2.2 - Elementos implícitos ou explícitos na relação com seus cabelos que contribuem na constituição da identidade racial.**

Retomamos as discussões sobre os elementos que constituem a relação do cabelo com a identidade. Para de compreendermos se o uso do cabelo natural é visto apenas como uma

questão estética ou como também uma postura política, é que organizamos o segundo Descritor.

Perguntamos as sujeitas entrevistadas na pesquisa se elas gostam de sua cor, cabelo e aparência. As **S2, S3 e S4** responderam que sim, sem ressalvas. Com exceção da **S1** que nos disse:

Eu até gosto, mas acho que quem não gosta muito é meu marido. Pra falar a verdade, as vezes me pergunto porque casou comigo sendo que nem me achar bonita ele me acha. Uma vez eu tava aprontando meu cabelo dentro da toca para dormir, no meu lado na cama meu marido diz: " amanhã vou dar um dinheiro pra você dar um jeito nesse cabelo aí cortar alisar, fazer qualquer coisa porque olha... não dá não.."

A percepção de **S1** sobre ser negra é evidenciada quando ela deixa transparecer em sua fala a imagem que faz sobre si mesma, em relação com os outros e com o mundo: "... Eu até gosto, mas acho que quem não gosta muito é meu marido". Entende-se que nesse ponto a entrevistada ao se referir aos seus próprios atributos físicos se limita ao que seu companheiro acha.

A aparência, traços físicos e cabelos, das mulheres negras também são associadas a feiura, principalmente, por não fazer parte do "padrão estético" estabelecido socialmente, isto é, traços associados as pessoas brancas. Outro fato importante que contribui para esse tipo de construção é a subalternidade e a invisibilidade que carrega as mulheres negras. Segundo Silva (2009), a vida afetiva também é relevante para as posições e hierarquizações diferentes entre homens negros e mulheres negras.

Já quando perguntamos se elas acham que assumir o cabelos crespo afirma a negritude as respostas foram as seguintes:

Não necessariamente, eu me sinto negra com meus cabelos alisados e com luzes loiras. (S2)

Não, mesmo alisando não me sinto menos negra do que outras pessoas que tem cabelo totalmente cachado. (S3)

Depende, eu acho que é uma das formas de assumir a negritude mas acredito que a partir do momento eu você assume seu cabelo. (S4)

De acordo com os eixos da *Colonialidade* os sujeitos não podem, não sabem e não são, portanto, suas origens são insignificantes. Isso se aplica aqui se pensarmos na imposição dos modos como nos vemos e nos resiguinificamos silenciado nossa cultura de origem. No caso da mulheres entrevistadas, mesmo havendo um sentimento de pertencimento a raça negra, o uso do cabelo natural não visto como um importante fator de empoderamento e afirmação no

sentido de ir contra a postura dominante que tem feito essas mulheres mudar a estrutura dos seus cabelos para se adequar a um padrão de beleza que oprime sua ancestralidade africana.

A identidade negra é construída (ou reconstruída) cotidianamente como uma forma de autoafirmação em um ambiente hostil, onde qualquer relação com a África é vista como portadora de inferioridade. Há várias formas de se (re)construir essa identidade, e uma delas é através da adoção do cabelo afro.

Fico claro isso nas respostas das pergunta: qual a importância da mulher negra usar o cabelo natural?

Eu acho muito bonito. Fica mais poderoso, chama muita atenção ver uma mulher negra com o cabelo natural usando turbante essas coisas. Queria ter coragem de usar o meu. (S1)

Acho que não tem nada haver não...Cada um usa o cabelo do jeito que se sentir bem... Tem nada haver não. (S2)

Acho uma coisa boa só se ela se sentir bem. Não adianta nada eu usar meu cabelo natural e na rua as pessoas rirem de mim. Aí vou me sentir mal e não vai ser uma coisa boa. Me lembro quando eu era criança só porque eu ia pra escola com meu cabelo solto, me chamavam de piolhuda (risos) (S4)

Gomes (2002) nos dá um panorama do que é ser uma menina negra na escola. Segundo ela "As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizado pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas." (GOMES, 2002, p. 23)

Para a autora, isso se dá numa tentativa de romper com o estereótipo de negro sujo, descabelado e feio. Ela destaca ainda que algumas pessoas fazem as tranças porque gostam, o que demonstra a estreita relação entre o negro, a identidade negra, e o cabelo. A verdade é que mesmo com todo esse ritual e com a tentativa de quebra de estereótipo, a criança negra sofre com preconceito devido ao cabelo. É comum apelidos pejorativos tais como "cabelo de Bombril", "cabelo – duro", etc. Muitas vezes esses são os primeiros contatos desses negros com o preconceito, e acabam criando valores que eles levam para o resto da vida. Assim, a rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa auto-estima.

Quando adolescentes e adultos, esses negros ainda sofrem influência da mídia e do consumo cosmetológico, que tentam padronizar e unificar o padrão de beleza humano em um padrão europeu. Para Gomes (2002) construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina o negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. A mudança estética por si só faz parte da nossa sociedade, principalmente do que se chama de "universo

feminino". Cabelos lisos perfeitos são buscados até mesmo por mulheres que já possuem essa característica de forma natural, mas ainda não estão satisfeitas com a textura dos seus fios, e muitas mulheres brancas nem mesmo questionam quanto aos motivos deste objetivo estético.

O aspecto racial é a linha tênue que separa a mudança estética inofensiva da mudança estética segregadora. Não vimos em nossa pesquisa Mulheres que conseguem questionar esse posicionamento. Mesmo havendo aceitação de si mesmas (apesar da adequação de um padrão) não houve ainda descoberta e o fortalecimento da autoestima através de seus cabelos crespos. A aceitação de si mesmas vivenciadas por essas mulheres não exemplifica o momento quando a negritude não mais pode ser usada contra o negro mas, esta aceitação ainda está arraigada na apropriação de um padrão para assim se sentir bonita e conseqüentemente com a autoestima elevada.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que nos foi relatado pelas alunas e do que colocam os teóricos abordados, consideramos que nossa proposição inicial, que afirmava que: "em grande parte das mulheres negras que adotam os diversos tipos de alisamentos são na maioria por terem em sua infância e na adolescência sofridos alguns tipos de preconceitos, assim como as dificuldades enfrentadas por elas no manuseio dos cabelos por serem crespos" foi confirmada. Pensamos isto uma vez que identificamos, nos relatos das entrevistas, que as Mulheres se submetem a alisamentos desde muito cedo alegam que além de facilitar o trato com os cabelos, para elas, esteticamente é mais bonito.

Quando nos debruçamos no levantamento realizado nos anais da Anped no início da pesquisa no GT 21 Educação e Relações Étnico- Raciais e GT 23 Gênero, Sexualidade e Educação, temos o entendimento que esta pesquisa subsidia melhor a compreensão das possibilidades de construção e um diálogo entre Cabelo-Identidade, Autoestima e Identidade Racial, com vista a contribuir para uma nova lógica sobre a mulher negra na sociedade. Diante disso, as mulheres que participaram da pesquisa supracitada, manifestaram a preferência pelos padrões de beleza da nossa sociedade nos momentos de estruturação de suas atividades. Percebemos o desejo de modificar a estrutura de seus cabelos como forma de se aproximar dos modelos hegemônicos, expressando a negatividade associada aos corpos da população negra. Essas constatações confirmam que a dupla cabelo e cor da pele constitui um processo conflituoso de aceitação/rejeição da identidade negra em que a aparência torna-se parte da subjetividade e autoimagem das mulheres negras.

Vimos a partir dos dados empíricos coletados em campo que nossos objetivos que se pautaram em Identificar e caracterizar os perfis raciais das mulheres negras estudantes da Educação de Jovens e Adultos; Identificar as relações que as mulheres negras possuem com seus cabelos crespos e Entender como a relação das mulheres negras com seus cabelos crespos contribui na constituição da sua identidade racial, foram alcançados, uma vez que, conseguimos perceber que quando se trata de identidade, o cabelo apresenta uma dificuldade de construção da identidade negra em meio a uma sociedade com um padrão de ideal de brancura. Pelo fato do cabelo ser o alvo número um de reprovações, a Mulher negra passa a não gostar de um dos símbolos mais fortes da identidade negra.

Um fato é que nem mesmo se questiona a ação das mulheres que alisam seus cabelos, muitas com métodos muito fortes, com exposição a componentes químicos muitas vezes nocivos à saúde, numa tentativa de adequá-las a uma sociedade que na verdade deveria

adequar-se a elas. Tal posicionamento social só é possível devido à cultura brasileira ter se estruturado sobre uma base sólida de preconceito, onde o corpo negro precisa ser assimilado e devolvido a convivência social, embranquecido de alguma forma para que só então passe a ser parcialmente tolerado.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli E. D. F. de. *Etnografia da prática escolar*. 2. ed. Campinas, SP: Papiros, 1998.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. [L'analyse de contenu]. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa. Edições 70, 2004.
- DI PIERRO, Maria Clara. A Educação de Jovens e Adultos no Plano Nacional de Educação: avaliação, desafios e perspectivas. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 112, p. 939-959, jul/set. 2010.
- GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: SANTOS FILHO, J. C. dos; GAMBOA, S. S. *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 84-110.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999. \_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG / Brasília: UNESCO, 2003.
- MIGNOLO, W. *Cambiando las éticas y las políticas del conocimiento: La lógica de la colonialidad y postcolonialidad imperial*. Conferencia Inaugural del Programa de Estudios Postcoloniales, en el Centro de Estudios Avanzados, de la Universidad de Coimbra (Enero 4, 2005).
- MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O. GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 27ª ed.
- MUNANGA E GOMES. *O negro no Brasil hoje/ Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes – São Paulo: Global, 2006.*
- MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação – PENESB-RJ, 05/11/2003.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Ação educativa, 2001. p. 15-41.
- OLIVEIRA, Paula Cristina Silva de; EITERER, Carmen Lúcia. *Evasão Escolar de alunos trabalhadores na EJA*. In: 1º senept, 2008, BH. *Anais... CEFET - MG, 2008*. p. 1-7. Disponível em [http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos\\_senept/anais/terca\\_tema6/TerxaTema6Artigo10.pdf](http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema6/TerxaTema6Artigo10.pdf) Acesso em 18 de set. de 2013.
- QUIJANO, A. *Colonialidad del Poder y Clasificación Social*. In. CASTRO-GÓMEZ, S. y
- QUIJANO, A. *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina*. In. LANDER, E. (org.). *A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e Ciências Sociais*. Trad. Júlio César Casarin Barroso Silva. 3 ed., Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278.

Racismo no Brasil: percepções na discriminação e do preconceito no século XXI/ organizadoras Gevanilda Santos, Maria Palmira da Silva. – 1. Ed. –São Paulo: Editora Fundação Percecu Abramo, 2005.

SODRÉ, Muniz. Claro e Escuros - identidade, Povo e Mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

WALSH, C. Interculturalidad y Colonialidad del Poder. Un Pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In. CASTRO-GÓMEZ, S. y GROSGOUEL, R. El Giro Decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, pp. 47-61.

WALSH, C. Interculturalidad, Plurinacionalidad y Decolonialidad: Las Insurgencias Político-Epistémicas de Refundar el Estado. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.9: 131-152, julio-diciembre 2008.